

## EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA

# Uma vida doada para a missão em Hong Kong

Ir. Marinei Pessanha Alves

201



Eu, Irmã Marinei Pessanha Alves, sou brasileira e nasci em São Paulo, capital, em uma família católica, cresci na Igreja, tendo como amigos de infância, adolescência e juventude as crianças, adolescentes e jovens da minha paróquia. Na juventude, participava de maneira saudável das diversões que os jovens da minha época desfrutavam. Foi por meio do prazer encontrado nesse tipo de vida e atmosfera comunitária e paroquial, que aos poucos fui levada a descobrir a vocação para a vida religiosa e missionária.

A nossa paróquia de Nossa Senhora da Luz, na Região Episcopal Santana, zona norte de São Paulo, sempre foi e continua sendo uma comunidade paroquial que reza pelas vocações todas as semanas durante as várias celebrações eucarísticas. Em 1976, no Dia Mundial das Missões, para promover as vocações, o pároco convidou o padre Gaetano Maiello, do Pontifício Instituto das Missões Exteriores (PIME) para conduzir um dia de formação para os jovens paroquianos. Depois de participar dessa formação, nasceu em mim um forte desejo pelo trabalho missionário: senti que Deus estava abrindo uma porta e tinha um plano para mim. Depois de pouco mais de 2 anos de preparação e discernimento, em janeiro de 1979, entrei na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada (PIME). Aos 26 anos, no Ano Mariano (1987), recebi a sonhada destinação para Hong Kong.

Madre Igilda Rodolfi, uma das fundadoras da nossa Congregação, sempre desejou servir como missionária na China. Influenciada por ela, eu também sempre quis servir o povo chinês; por isso, ainda no Brasil, ia sempre que podia à comunidade católica chinesa em



São Paulo. Antes de eu vir para Hong Kong, essa comunidade chinesa já me havia 'batizado' dando-me um nome chinês: 馬麗莉. Com eles aprendi também a usar os "kuaizi" (筷子), que são os palitos utilizados como talheres na China. Também pude até aprender como contar de um a dez em chinês cantonês.

Depois de pouco mais de um ano de estudo do inglês em Londres, cheguei em Hong Kong em 1989 e, dois meses depois, comecei a visitar semanalmente os refugiados vietnamitas vindos para Hong Kong. Incapaz de falar cantonês ou vietnamita, consegui superar as barreiras linguísticas com amor (mais deles do que meu!). No campo, os refugiados e eu nos comunicávamos através do inglês e um cantonês misto, com a ajuda ocasional de um intérprete. Quando visitava os refugiados em prisões e hospitais, estava sozinha; porém, graças à linguagem do amor, acabávamos nos entendendo. Durante os meus sete anos de serviço aos refugiados vietnamitas, o que mais impressionou foi a presença de uma comunidade católica devota em cada centro. Eles levavam a Eucaristia dominical muito a sério. Apesar de viverem em circunstâncias difíceis e com recursos limitados, passavam suas roupas usando métodos tradicionais, tais como uma chaleira ou frigideira com carvão, esforçando-se para participar da liturgia com dignidade e experimentar o amor de Deus e a dignidade humana. Eu vi Deus neles e aprendi muito. Sempre que os relembro, me vem uma profunda emoção.

Em 1997, com o fim da presença dos refugiados no território e de Hong Kong como colônia britânica, depois de concluir numa das universidades locais o curso para assistente social; além de servir numa comunidade paroquial, trabalhei por cerca de quase seis anos numa NGO, local que serve pessoas com deficiência física e mental. Ao mesmo tempo, ia de vez em quando na China continental para realizar o mesmo serviço como voluntária.

Justamente quando a vida missionária em Hong Kong parecia bastante satisfatória, tive que deixar esse lugar e ir para Roma. Eu estava em Hong Kong há 18 anos e estava completamente familiarizada com o ambiente e o trabalho missionário, especialmente falando Chinês Cantonês com uma certa fluência. No entanto, durante o nosso IX Capítulo Geral fui votada para servir nossa Congregação como uma das conselheiras gerais, cargo que ocupei por dois mandatos consecutivos (12 anos). Inicialmente, me senti um pouco perdida, mas, olhando para trás, para aqueles anos, sou muito grata a Deus e à nossa Congregação. Meu tempo em Roma deu-me a oportunidade de visitar o nosso trabalho em outros campos missionários, ampliou meus horizontes e aumentou minha consciência missionária e universalidade. Após retornar a Hong Kong, me envolvi ainda mais profundamente no serviço à evangelização.

Em janeiro de 2020, dez dias antes da explosão da pandemia, voltei para Hong Kong. Apesar da pandemia, procurei me inserir o mais rapidamente possível na realidade local, muito diferente daquela que havia deixado 13 anos antes. Nestes últimos quase seis anos, tenho desenvolvido trabalho pastoral na paróquia dos Santos Cosme e Damião na área de Tsuen Wan, nos Novos Territórios; e, principalmente, sou a supervisora do Colégio Papa Paulo VI, uma escola secundária para meninas e moças, administrada pela nossa Congregação desde 1969. No contexto asiático, a escola é um meio privilegiado para evangelização. Já na paróquia, dedico-me ao trabalho catequético e de formação dos leigos, de acompanhamento aos grupos de catecumenato, dos círculos bíblicos, visitas periódicas aos moradores de rua etc.



Enquanto as mudanças políticas e sociais transformaram a face de Hong Kong, ex-colônia britânica, em poucos anos, estreitando ainda mais seus laços com a China continental, nossa escola secundária feminina continua sendo uma referência para a educação de centenas de jovens, graças à sua capacidade de adaptação aos desafios sem precedentes do contexto. A começar pelo crescente número de novas alunas nascidas na China ou recém-chegadas da China continental.

As setecentas alunas, com idades entre 12 e 18 anos, que hoje frequentam nossa escola, têm histórias muito diferentes daquelas de quando a escola começou no final da década de 60: As famílias nos escolhem pela qualidade do nosso ensino e, sobretudo, pelos valores morais e cristãos que transmitimos por meio de nossas atividades diárias, sem proselitismo. Embora a maioria das nossas alunas não seja cristã, todas as manhãs começamos com uma oração inspirada muitas vezes em temas universais, como aqueles que se encontram no calendário geral das Nações Unidas, ou aqueles que nos são trazidos por eventos atuais, tanto globais quanto locais. E então tentamos cultivar relacionamentos positivos e demonstrar a beleza da convivência fraterna entre membros de diversas religiões e nacionalidades. Isso também ocorre porque, além das meninas chinesas, temos um número crescente de jovens do Paquistão — há muitos paquistaneses no bairro no qual a escola se encontra, empregados na construção civil e no comércio. Temos também estudantes da Índia, Tailândia, Filipinas e Nepal... Os pais muçulmanos frequentemente nos escolhem porque somos uma escola só para meninas, mas essa proximidade com a religião islâmica se transforma para nós em uma oportunidade preciosa para dar testemunho de que uma convivência fraterna entre membros de religiões e tradições diversas é possível.

Recentemente, devido às várias mudanças sociais e políticas, estamos vendo aparecer o novo rosto da escola (e em realidade de toda Hong Kong): em um contexto já marcado por uma taxa de natalidade em declínio e a consequente diminuição populacional, também devido ao fato de que muitas famílias locais resolveram emigrar, especialmente para a Inglaterra; vemos ao mesmo tempo chegarem aqui da China Continental muitas famílias, atraídas por melhores oportunidades de vida e por um excelente sistema escolar, com ensino de inglês de alta qualidade e turmas menores. E assim, nós também estamos abrindo nossas portas para as novas alunas chegadas há pouco tempo ou diretamente da China.

As portas da missão com os chineses vindos da China continental estão se abrindo não só nas escolas; mas também nas paróquias e através da Cáritas diocesana. Desde o ano passado, em parceria com a Cáritas, estou envolvida com as famílias migrantes que moram em situação de cortiço e já temos na paróquia um curso semanal para mulheres do interior da China que querem aprender o dialeto cantonês. No início do mês de setembro, iniciamos uma outra classe para jovens estudantes. Por meio desses encontros semanais, os migrantes (quase todos não cristãos), não somente aprendem o dialeto local, mas também a cultura e, sobretudo, entram em contato com a comunidade católica, desconhecida para muitos deles. Esse novo espaço de evangelização me enche de entusiasmo e todos os dias constato como nós missionários e missionárias podemos verdadeiramente ser agentes de esperança para esses irmãos e irmãs recém-chegados da China que enfrentam muitos desafios nesta nova realidade local.



Existem inúmeras oportunidades para a evangelização. Nós, missionários e missionárias, sempre quisemos estar na China continental, e agora a China também está aqui! Devemos discernir bem sobre como responder a essa nova realidade, aprendendo bem o mandarim, a língua oficial chinesa, que nos permite comunicar e estar próximos desses migrantes recém-chegados. A Igreja local, por meio do trabalho social e educativo pode fazer uma grande diferença na vida dessas pessoas.

Estou prestes a completar 44 anos de consagração missionária. Amo o povo chinês e o trabalho missionário que considero cada vez mais significativo. A missão realmente é um grande desafio. Porém, é também um grande dom de Deus. O importante é a confiança N'Ele. Ele é o Senhor da messe!